



Mais rápido e mais devagar: como o paradoxo da aceleração afeta o ciclo de notícias do jornalismo¹ **Faster and slower: how the acceleration paradox affects the news cycle**

Mônica Chaves de Melo²

Palavras-chave: contemporaneidade; aceleração; movimento; desmobilizações; jornalismo.

1. Introdução

Partindo de visões recentes sobre a contemporaneidade – que descrevem nosso tempo como feito de impulso para o progresso, de prontidão e de controles –, este artigo apresentará a noção de Robert Colville do paradoxo da aceleração. O conceito emerge a partir da constatação de que nossa cultura vem se tornando simultaneamente mais rápida e mais complexa, mais superficial e com mais qualidade. Estes aparentes antagonismos, que acabam se revelando como complementaridades dialógicas, serão analisados no campo do jornalismo e ilustrados por meio de iniciativas recentes que têm construído uma articulação, intencional ou não, entre os serviços de notícias instantâneas e as análises editoriais aprofundadas, criando ao mesmo tempo agilidade e contexto para as notícias diárias.

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Departamento de Comunicação Social, linha Comunicação e Experiência, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa em Interações Digitais – CNPq. contato@monicachaves.jor.br



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

2. Definições de modernidade

Definir nosso próprio tempo enquanto ele se desenrola é um dos desafios que as ciências sociais e a filosofia vêm enfrentando pelo menos desde o Iluminismo. Mas foi a partir do século XX que as ideias de modernidade, pós-modernidade, modernidade pós-industrial, modernidade líquida, contemporaneidade e outras tentativas de nomear nossa época passaram a ganhar centralidade, trazendo para a discussão sobre os modos de organização social uma perspectiva que é tanto temporal quanto espacial.

O estranhamento do sujeito em relação ao tempo atual é parte da definição de contemporâneo engendrada por Agamben (2009), que será apresentada neste trabalho. Para o autor, ser contemporâneo é estabelecer uma relação singular com o próprio tempo, feita simultaneamente de adesão e distanciamento. A contemporaneidade assinala o presente como arcaico (o grego *arké* situa o conceito como “próximo da origem”). A chave do moderno, então, estaria no histórico; o presente seria uma mistura de “não mais” e “ainda não”. O contemporâneo de Agamben propõe, assim, uma tensão entre a desomogeneidade daqueles que o pensam e a homogeneidade do tempo linear; em síntese, ser contemporâneo é colocar o presente em relação com os outros tempos e ler nele a história.

Também será apresentada a definição de modernidade de Giddens (1991), que coloca em relação direta os conceitos de tempo e espaço ao postular que o estilo de vida e a organização social que emergem da Europa passam a ter influência sobre boa parte do mundo a partir do século XIX. Para o autor, a separação do tempo e do espaço e sua “recombinação em formas que permitem o ‘zoneamento’ tempo-espacial preciso da vida social” (Giddens, 1991, p. 20) é um dos motores do dinamismo da modernidade; o desencaixe dos sistemas sociais e a ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais seriam outras duas motivações para o fenômeno. Por outro lado, um dos efeitos da modernidade é a globalização cultural – fenômeno diretamente ligado às tecnologias mecanizadas de comunicação, mais amplamente disseminadas a partir do crescimento



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

dos jornais de circulação de massa –, que se relaciona tanto aos aspectos reflexivos da modernidade quanto ao dinamismo provocado pela separação tempo-espaço.

Já para Crary (2016), outro autor que será trabalhado no artigo, as tecnologias e sistemas criados nos últimos 150 anos para administrar e controlar os seres humanos constituem o principal mecanismo do capitalismo tardio para manter os trabalhadores – e os indivíduos de modo geral – constantemente em atividade. O capitalismo estaria, assim, colonizando todos os espaços de atividade humana, dissolvendo as fronteiras entre o trabalho, o lazer, e, principalmente, o descanso, o sono. Segundo o que chama de “paradigma conexcionista”, Crary afirma que o maior prêmio é conferido à atividade em si, ao movimento em oposição à inação, sinalizando o surgimento de uma nova relação com o tempo, uma “temporalidade 24/7”, representada pela prontidão dos indivíduos, nas sociedades urbanas, durante as 24 horas do dia e os sete dias da semana. É claro que isto não significa que as pessoas passem todo o seu tempo executando tarefas, tais como o consumo, o lazer, o trabalho, a criatividade e a comunicação humana – todas hoje possíveis de serem realizadas por meios digitais, e, portanto, em grande medida independentes das limitações colocadas pelos fatores tempo e espaço. Porém, apesar de que evidentemente ninguém passe as 24 horas do dia fazendo tais coisas, é o fato de ser possível fazê-las que constitui a força deste não-tempo.

Por fim, outra perspectiva a ser discutida sobre a relação dos indivíduos com o tempo na contemporaneidade é a apresentada por Colville (2016), que analisa os efeitos do que chama de “a grande aceleração” sobre diversos aspectos da vida social, tais como as relações amorosas, a política, as artes, os mercados financeiros e as mídias. Para o autor, a lógica da gratificação instantânea está fazendo com que o mundo ande mais rápido, e cada vez mais rápido. Os hábitos culturais das sociedades urbanas são, assim, moldados pela ânsia por mais conveniência e mais informação. É interessante observar que a aceleração e a lentificação não são, para Colville, mutuamente excludentes; ao contrário, são duas faces de um mesmo processo de mudança da relação dos indivíduos com o tempo.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

3. Efeitos sobre o jornalismo

Em seu estudo a respeito dos efeitos da grande aceleração sobre os diversos aspectos da atividade humana, Colville discorre sobre as mudanças operadas pela urgência da contemporaneidade nas artes e no jornalismo. O artigo irá mostrar como o autor propõe, a partir da observação de exemplos das indústrias do entretenimento e do jornalismo, o surgimento de uma tendência que denomina de “paradoxo da aceleração”.

O paradoxo da aceleração (...) é que, ao mesmo tempo em que faz com que a cultura se torne mais rápida e superficial, ela dá espaço para que a complexidade e a qualidade transpareçam. Ela também produz mais pessoas que clamam por fazer parte da discussão cultural – e dá a elas mais chances de fazê-lo (COLVILLE, 2016, p. 140).

No caso das mudanças que vêm ocorrendo no campo do jornalismo, uma das principais questões que resultam da grande aceleração, principalmente após a emergência das mídias digitais no cenário da comunicação, é a mudança dos ciclos de notícias, que, tanto pelo lado da produção quanto da recepção, parecem ser governados pela velocidade, passando a concorrer com os antigos ciclos que obedeciam a padrões industriais de divulgação de notícias. Assim, jornais diários, telejornais noturnos e revistas semanais vêm deixando de ser os marcos temporais de periodicidade de divulgação das notícias. O novo ciclo é mais rápido, em tempo real, e, “com seu fluxo interminável de informações, também ajuda a criar um senso palpável de que algo sempre está acontecendo, e que devemos reagir e reportar” (Idem, p. 145). As consequências dessa mudança, na visão do autor, serão detalhadas no artigo.

Também serão apresentados alguns dos impactos deste novo cenário nas redações jornalísticas do Brasil, onde as tentativas de seguir o ritmo imposto pela tecnologia digital e as mídias sociais da internet se refletem em uma transição dinâmica e precária. Será apresentado o estudo de Moretzsohn (2014) em que a autora sugere que



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

a mudança no ritmo da redação jornalística trouxe também uma mudança na própria representação do jornalista, invertendo a imagem já consolidada no imaginário popular “do repórter em mangas de camisa, cabelos ao vento, correndo atrás da notícia”. O repórter do jornalismo online trabalha sentado em um ambiente silencioso, em mais um dos paradoxos trazidos pela grande aceleração.

4. O paradoxo da aceleração no jornalismo atual

Em meio a este cenário acelerado do “tempo real”, porém, emergem iniciativas que pretendem mesclar a ânsia pela instantaneidade da informação à necessidade do público por construir um contexto no qual as notícias do dia a dia se encaixem, trazendo um relato coerente dos acontecimentos do presente e relacionando-os aos do passado e do futuro. Veículos e canais alternativos à imprensa tradicional vêm se aproveitando dos recursos trazidos pelas novas tecnologias e pelas fendas que se acumulam na credibilidade dos veículos de comunicação para tentar atender a uma possível inquietação do público em relação à forma como as notícias vêm sendo mostradas.

O artigo irá apresentar alguns exemplos de iniciativas brasileiras que podem ser consideradas como efeitos deste novo ambiente: ações que tanto podem ser individuais e independentes quanto profissionais, fruto de investimentos de corporações de notícias e entretenimento preocupadas em não perder seu público para as primeiras. Estas iniciativas acabam por construir um diálogo, intencional ou não, entre os serviços de notícias instantâneas – hoje já disponíveis em aplicativos para celular, fornecidos por veículos da imprensa tradicional – e as análises editoriais. Desta forma, é possível observar uma interlocução entre dois ritmos de leitura de notícias, o que poderá ser entendido como uma manifestação do paradoxo da aceleração verificado por Colville no campo do jornalismo.

Referências bibliográficas



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó : Editora da Unochapecó, 2009.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Cartografias da Paragem: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida*. Rio de Janeiro : Gramma Livraria e Editora, 2016.

COLVILLE, Robert. *The Geat Acceleration: how the world is getting faster, faster*. London : Bloomsbury Paperbacks, 2016.

CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

MORETZSOHN, Sylvia. O "Novo Ritmo da Redação" de O Globo: a prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção da notícia. *Revista Parágrafo*. Julho-Dezembro 2014, 2014, v. 2, n. 2. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/search/authors/view?firstName=Sylvia&middleName=&lastName=Moretzsohn&affiliation=UFF&country=>>. Acesso em: 23 ago 2017.

RUSHKOFF, Douglas. *Present Shock: when everything happens right now*. New York : Penguin Books, 2013. Edição digital.

SLOTERDIJK, Peter. *A Mobilização Infinita: para uma crítica da cinética política*. Lisboa : Relógio D'Água Editores, 2002.